

CINEMATOGRAFHO E MODERNIDADE EM CAMPINA GRANDE – PB - 1900 – 1940

Lincon César Medeiros de Souza

Professor mestre da Rede Estadual de ensino de Pernambuco

linconlc@yahoo.com.br

Toda uma geração de espectadores da primeira década do século XXI está acostumada a um padrão de cinema marcado pelo conforto das salas de exibição seguido das qualidades técnicas dos filmes. Hoje o público vai aos multiplex dos Shopping Centers assistir à efeitos especiais que impressionam até mesmo os especialistas. Tudo com muito conforto: estacionamento, salas climatizadas, som da mais alta qualidade, segurança; geralmente desfrutando de pipoca, bombons e refrigerantes das marcas que mais lhes agradam, entre outros atrativos para acompanhar a exibição da película. Assim, ir ao cinema implica também passear pelo paraíso do consumismo, onde tudo parece ser perfeito, sem qualquer tipo de problema.

Aparentemente, todos se divertem com algumas das maiores superproduções, principalmente as fitas americanas, as quais, do ponto de vista técnico, não deixam de impressionar por causa de todos aqueles recursos visuais e sonoros que, de tão perfeitos, acabam atraindo o espectador mais cético. Atualmente se vê super-heróis voando, exibindo poderes sobre-humanos, destruindo cidades em nome da lei e da justiça.¹ Assiste-se à batalhas devastadoras envolvendo homens e alienígenas que querem dominar o planeta, com suas naves e armas de tecnologias totalmente desconhecidas.² Qualquer espectador entra em contato com mundos fantásticos onde a batalha entre o bem e o mal nunca deixam de ser travadas,³ seja na imaginação das pessoas, seja, é claro, nas telas do cinema, na TV, no aparelho de DVD, no computador e até no celular.

Só o encantamento causado por esses filmes de efeitos técnicos extraordinários já seria a fonte inspiradora de um trabalho bastante rico. Porém, neste artigo nos concentramos em uma questão que julgamos interessante para ser debatido nesse espaço de diálogo. A partir das lições da história social da cultura, discutimos como foram os primeiros anos do cinematographo na cidade de Campina Grande nas primeiras décadas do século XX.

E para a produção desse trabalho procuramos através de matérias da imprensa local indícios da chegada do cinematographo até a sua incorporação ao cotidiano campinense, aspecto que nos mostra um período de projeções artesanais, muito diferente do negócio milionário que se transformou a indústria cinematográfica no decorrer do século XX. Um fato histórico que vai de encontro ao esforço dos letrados que interferiam e pensavam a entrada da cidade no mundo Moderno com a ajuda do cinema, apresentando discursos de entusiasmos totalmente a favor da presença do cinematographo.

Diante disto, em primeiro lugar, vale salientar que o cinematographo é filho legítimo da modernidade; para Anthony Giddens, *refere-se a um estilo, costume de vida ou organização social que emergiu na Europa a partir do século XVII, e que posteriormente se tornou mais ou menos mundial em sua influência*. Para discutir a modernidade é preciso considerar o fato de ela estar associada a um período de tempo e a uma localização geográfica inicial.⁴

A modernidade trouxe a concepção de progresso e idéia de razão. Estes símbolos se tornaram princípios muito fortes nas grandes metrópoles do mundo, graças, principalmente, a constante proliferação das invenções e produções das ciências aplicadas as quais ajudaram a desenvolver a noção de desenvolvimento técnico.

E dentre as inovações modernas, o cinematographo foi um produto das experiências da física, da ótica, da química e da mecânica. Trata-se de um maquinário que foi resultado dos avanços característicos da modernização. E para se estudar o advento do cinema, foi necessário levar em consideração que este surgiu em um contexto de grandes mudanças do mundo material: a produção incessante das indústrias, as inovações técnico-científicas, tais como, a luz elétrica, o telégrafo e as redes de água encanada e esgoto; como mais um elemento decorrente do incessante progresso científico pelo qual passava algumas cidades européias.

Entretanto, para pensar o nosso tema é necessário fazer algumas ressalvas com relação ao conceito de modernidade. Ao nos afastarmos das grandes metrópoles tornou-se importante dialogar com pesquisas que tiveram cidades nordestinas como foco principal. Antonio Paulo Rezende, em *(Des)encantos modernos: Histórias da Cidade do Recife na Década de Vinte*, observa que na capital pernambucana das primeiras décadas do século, o novo e o velho eram mais nítidos e a referência à tradição era

constante. Ao analisar as representações das elites intelectuais da época e as tensões vividas em uma cidade que passava por transformações modernizantes, mas que tinham uma parte da intelectualidade voltada para a defesa da tradição, o autor mostra que os fatos históricos foram vivenciados diferentemente pelas pessoas e pelos grupos sociais.⁵

Nesse aspecto é necessário entender que a noção de modernidade decantada nas cidades do Norte/Nordeste do Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, não é igual ao fenômeno da modernidade das grandes capitais européias (Londres e Paris) do mesmo período. O pesquisador Gervácio Aranha discute as diferenças que separam os dois contextos; nas metrópoles européias uma das características eram os ritmos acelerados e incessantes, típicos das grandes cidades com uma população de mais de um milhão de habitantes, o que no Brasil e, principalmente, na Paraíba da época, seria algo impensável.⁶

Além do limite físico, que é bastante diferente na comparação entre algumas cidades européias e brasileiras, podemos encontrar nas grandes metrópoles européias, hábitos e sentimentos muito singulares, como a terrível sensação de estar sozinho no meio de uma multidão. As pessoas dividem os espaços nas ruas, porém nem se olham, um efeito resultante da aceleração dos ritmos da população. Podemos dizer que dessa forma houve uma desumanização das pessoas provocada pela correria típica dos grandes centros urbanos. Já o moderno para os habitantes das cidades nortistas estava caracterizado pelas marcas e símbolos provenientes dos grandes centros civilizadores que chegavam para mudar hábitos e costumes.

As cidades paraibanas, mesmo as maiores do Estado, não eram grandes metrópoles, ao contrário, nem no Nordeste elas poderiam ser consideradas grandes centros urbanos. Tanto é assim que Recife ocupava o posto de atração para a população da região. Este fato se explica porque as localidades paraibanas quase nunca eram as primeiras da região a contar com os equipamentos modernos provenientes da Europa.

A capital pernambucana era sempre a primeira a contar com símbolos vindos dos chamados centros civilizados do mundo burguês. Considerando que muitas das relações políticas e econômicas das cidades paraibanas se realizavam em Recife, o que fazia desta um centro polarizador da região.

Com isto, cabia a Campina Grande, procurar se modernizar para atingir o status de localidade moderna, conseguindo o máximo de maquinarias provenientes dos

avanços científicos. Lembrando que, para as cidades locais, moderna seria aquela que contasse com o maior número de equipamentos de conforto e de lazer.

Assim, o cinema não poderia deixar de ser um sonho, pelo menos de uma parte da elite letrada local que queria ver as cidades paraibanas como espaços modernos e civilizados. Houve então, entusiasmo e euforia com relação à chegada do cinema, este sendo considerado como uma novidade da modernidade devido as suas qualidades técnicas.

Contudo, devemos lembrar que quase nunca paramos para refletir que o cinema é uma invenção relativamente recente, contando com um começo precário, muito distante da realidade pontuada pelo progresso técnico. Atualmente, as pessoas que já nasceram sob a influência do cinema tal qual o conhecemos imaginam este como um elemento natural das nossas vidas, esquecendo do fato de que o surgimento do mesmo no final do século XIX teria sido um dos acontecimentos que marcaria a jornada do homem do século seguinte.⁷

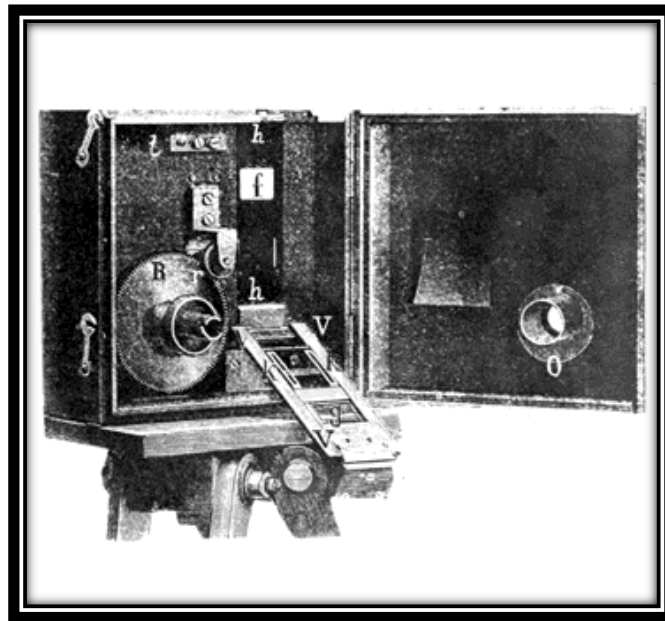
Os filmes exibidos eram geralmente de caráter documentarista: gente tomando banho de rio, o mar batendo nas pedras, números de magia, encenações de canções populares, imagens do trem em movimento, etc. Sua característica mais marcante era a de se apresentarem como atrações associativas, encaixando-se facilmente nas mais diferentes programações, sendo, em sua ampla maioria, feitos com uma única tomada, sem a preocupação com uma eventual cadeia narrativa.

Nos primeiros filmes certas sequências narrativas ficaram marcadas pela improvisação nas encenações e a descontinuidade entre planos e cenas na montagem final. Estas características causam a sensação de estranheza para os espectadores de hoje, devido ao fato destes filmes pioneiros parecerem bastante confusos para os nossos sentidos acostumados a produções sequenciadas.



Fotografia 1 - A imagem retrata a saída dos operários da fábrica, seqüência de um dos primeiros filmes projetados pelos irmãos Lumière.

Desse modo, não é surpreendente concluir que assistir às imagens em movimento tinha um sentido completamente diferente, pois a atenção do público estava voltada para o fato de como aquela geringonça poderia fazer fotogramas se moverem como se estivessem vivas. Sem contar que as imagens não eram as únicas atrações; elas serviam quase sempre para chamar atenção para outras conquistas científicas, outros espetáculos de entretenimento.



Fotografia 2 - Uma das primeiras versões do cinematographo. Movido manualmente, este aparelho era utilizado nos mais variados eventos. Em sua época pioneira, ficou conhecido pelo seu caráter ambulante.

Até os primeiros escritos sobre cinema apresentam quase sempre um discurso de admiração. Para Robert Stam havia uma espécie de reverência religiosa representada pela pura magia da mimese e a visão de uma representação-simulacro convincente da chegada de um trem ou um vento soprando as folhagens.⁸

Com as primeiras projeções, a atenção quase sempre ficava voltada para as características do invento, tido como mais um avanço da ciência moderna do século XIX. Os conteúdos das imagens, nesses primeiros momentos do cinema, tinham uma importância secundária.

Em uma edição da revista paraibana “Manaíra”, que entre outros aspectos da sociedade paraibana, retratava as questões relacionadas ao cinema, havia uma coluna de notícias do início do século XX, na qual uma delas comenta a apresentação de um cinematographo no Rio de Janeiro. Nesta coluna temos a seguinte informação: *Em um dos salões do café chic, a rua direita, exhibi-se o panorama universal, vistas cinematographicas de todo o mundo.*⁹

Isso nos mostra como as imagens exibidas por várias partes do mundo tinham conteúdos documentaristas que traziam fotografias de paisagens diversas e cidades, sem preocupações com enredo, dentre outras características presentes nos filmes atuais.

Na cidade de Campina Grande, a primeira notícia da apresentação das imagens em movimento data de 1898. Segundo um escritor local, um homem chamado *José Vasconcelos (pai do cinema)* *chegava à heróica cidade com o seu Cosmorama para ser exibido pela primeira vez.*¹⁰

Isto mostra como as exibições de cinematographo em Campina Grande e possivelmente por outras regiões, tinham a característica de ocorrerem na forma de temporadas, como um espetáculo itinerante. Essas exibições ambulantes aconteciam de cidade em cidade, sendo vendidas como uma atração moderna e maravilhosa de entretenimento.

Mas, a primeira sala de projeção instalada na cidade de Campina Grande foi a do *Cinema-Brazil*, inaugurado em 1909 e funcionando apenas até o ano seguinte, não contando, portanto, com uma longa duração. E com ele apareceu outro cinema chamado de *Popular*, o qual *foi inaugurado na rua da feira*, atualmente Rua Maciel Pinheiro.¹¹

E os jornais locais não perderam tempo e foram logo divulgando a novidade do mundo moderno, mostrando fascinação perante o cinematographo que chegava ao interior paraibano. Vejamos as notícias dos anúncios do jornal campinense da primeira década do século XX.

Gentilmente convidados, assistimos quinta-feira a experiência feita em optimo scenematographo, que vae funcckionar em nosso theatro.

A falta de gazolina dava pouca pressão, apparecendo as vistas um tanto escuras.

É admirável o progresso da eletricidade.

O nosso publico vae ter agora noites grandemente divertidas.

*Ao theatro!*¹²

As informações estão relacionadas às melhores condições de exibição na cidade, pois, esta dispunha de equipamento moderno bastante significativo, a luz elétrica, suporte importante para a boa projeção das imagens. A população fora convidada a se divertir com as projeções cinematográficas aptas a proporcionar momentos agradáveis. A expectativa do cronista era a de ter o cinema cada vez mais como uma alternativa de entretenimento para as pessoas.

Para os jornalistas, além da certeza das melhores qualidades do aparelho havia a vontade de ver chegar ao fim o tempo dos cinemas ambulantes de qualidade duvidosa e

que pouco contribuíram para a diversão do povo. Finalmente, a cidade do interior paraibano parecia poder contar com um bom centro de lazer, o qual iria movimentar a sociedade campinense.

Outro aspecto interessante nas palavras do anúncio é o fato de demonstrar como muitos espectadores campinenses ficavam atraídos pelo funcionamento daquele aparelho que fazia as imagens se movimentarem de modo “tão real” quanto os movimentos da vida. Nos anúncios supracitados não havia referências sobre os filmes que foram exibidos, um indício do menor interesse pelas narrativas.

O anúncio ainda fornece indícios de outras características dos primeiros anos do cinema na cidade. Este cinematographo era mais um a se instalar na região por uma curta temporada, uma vez que o jornal alerta aos interessados que as sessões com esse novo aparelho adaptado ao teatro local eram melhores quando comparadas às outras exibições que já haviam ocorrido na cidade.

Em certas ocasiões esses aparelhos foram conseguidos por meio do esforço de pessoas, geralmente, comerciantes, que por curiosidade ou por já acreditarem no potencial econômico do novo invento, adquiriam a novidade e começavam a explorá-la comercialmente. Alguns empresários adquiriam o cinematographo para ser utilizado em seu estabelecimento, contudo, se mudassem para outras cidades, levando suas máquinas, deixavam o local sem a alegria do cinematographo.¹³

No entanto, depois de alguns anos os espetáculos envolvendo o cinematographo deixaram de ser raridades e os cinemas passaram pelo processo de expansão que atingiu as mais diferentes cidades do mundo, inclusive as brasileiras, gerando mais mudanças no cotidiano das pessoas.

Portanto, depois de temporadas de cinematographo ambulantes, ocorreu o movimento de proliferação da construção de salas fixas para exibição de filmes, em várias cidades de diferentes países, dentre elas, a cidade de Campina Grande, também inserida nessa lógica representativa de incorporação desse tipo de entretenimento ao cotidiano das pessoas. Contudo, essa é uma outra parte da história que merece ser contada em outro momento.

¹ Nos últimos anos foram produzidos filmes que trazem para as telas antigos heróis dos quadrinhos como o *Homem-Aranha* de 2002, dirigido por Sam Raimi e com Tobey Maguire, Willem Dafoe e Kirsten Dunst no elenco; o *Super-Men O retorno* de 2006, dirigido por Bryan Singer e com Brandon Routh, Kevin Spacey, Kate Bosworth; *X-men* de 2000, com Patrick Stewart, Hugh Jackman, Anna Paquin e Ian McKellen no elenco e direção de Bryan Singer; e o *Quarteto Fantástico*, **direção de** Tim Story, e Ioan Gruffudd, Michael Chiklis, Jessica Alba e Chris Evans no elenco; todas as produções milionárias que impressionam pelos efeitos especiais e pelas seqüências de ação e aventura.

² Os filmes que trazem como tema as guerras entre humanos e alienígenas já a certo tempo povoam as telas: um dos maiores exemplos é o multimilionário *Independence Day*, de 1998, dirigido por Roland Emmerich e com Will Smith, Bill Pullman e Jeff Goldblum no elenco, sucesso de bilheteria, tem como uma das suas principais seqüências a destruição do mais importante monumento americano, a Casa Branca, o representante maior do poder norte-americano.

³ Um sucesso de bilheteria e crítica, a premiada trilogia *Senhor dos Anéis* é o melhor exemplo de filme que trata de mundos fantásticos que sempre fizeram parte das telas do cinema. Seus ambientes belíssimos, suas seqüências de lutas envolvendo diferentes seres na disputa pela terra Média deixa o espectador preso a narrativa.

⁴ GIDDENS, Anthony. *Introdução*. IN: *As conseqüências da modernidade*; tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991, p. 11-13.

⁵ Sobre as tensões entre os defensores da modernidade e da tradição, lê REZENDE, Antônio Paulo. *Os (Des)Encantos da modernidade*. Doutorado em História, São Paulo, USP, 1992.

⁶ ARANHA, Gervácio Batista. “Visões da modernidade urbana: A Experiência Nortista”. IN: *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1920)*. Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 2001: 249-317.

⁷ COSTA, Flavia Cesarino. Apresentação. *O Primeiro Cinema – Espetáculo, Narração, Domestificação*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2005, p. 17.

⁸ STAM, Robert. *Introdução a teoria do cinema*. Tradução Fernando Mascarello. Campinas, SP: Papirus, 2003.

⁹ “Quando o século XX começou”. IN: *Manaíra*, Ano I, Num. 6, João Pessoa, Abril de 1940, p.1.

¹⁰ JOFILLY, Geraldo Irineo. *Apresentação e Observação*. In: JOFILLY, Irineo. *Notas sobre a Paraíba*. Thesaurus Editora. Brasília, 1977, p. 28.

¹¹ CÂMARA, Epaminondas. IN: “*Datas Campinenses*”. Campina Grande: Ed. Caravela, 1988, p. 83.

¹² *O Campina Grande*, Anno II, num 20, Campina Grande, 07 de março de 1909, p.03.

¹³ WANDERLEY, Múcio L. *Coisas de Cinema: “Flash Back de um exibidor de província”*. João Pessoa: A União Editora, 1985, p. 48. Neste livro o memorialista faz referência ao seu avô que por muitos anos projetou filmes em Natal, capital do Rio Grande do Norte, depois deixando esta cidade para montar um cinema na capital paraibana.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Gervácio Batista. “Visões da modernidade urbana: A Experiência Nortista”. IN: *Trem, Modernidade e Imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1920)*. Doutorado em História, Unicamp, Campinas, 2001: 249-317.

COSTA, Flavia Cesarino. Apresentação. *O Primeiro Cinema – Espetáculo, Narração, Domestificação*. Rio de Janeiro: Azougue editorial, 2005.

GIDDENS, Anthony. *Introdução*. IN: *As conseqüências da modernidade*; tradução Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

REZENDE, Antônio Paulo. *Os (des)encantos da modernidade*. Doutorado em História, São Paulo, USP, 1992.

JOFILLY, Geraldo Irineo. Apresentação e Observação. In: JOFILLY, Irineo. *Notas sobre a Paraíba*. Thesaurus Editora. Brasília, 1977.

SILVA FILHO, Lino Gomes da - no livro, "*Síntese Histórica de Campina Grande*". João Pessoa: Editora Grafset, 2005.

STAM, Robert. Introdução à teoria do cinema. Tradução Fernando Mascarello. Campinas, SP: Papirus, 2003.

WANDERLEY, Múcio L. *Coisas de Cinema: "Flash Back de um exibidor de província"*. João Pessoa: A União Editora, 1985.

CRÉDITOS DAS IMAGENS

Fotografia 1: www.imagens.google.com.br

Fotografia 2: www.imagens.google.com.br